

Anarquismo e Imprensa Alternativa no Brasil censurado: A experiência do jornal *O Inimigo do Rei* (1977-1988)

Valdir Felix da Conceição Gonçalves *

Resumo: Neste texto, pretendemos apresentar um jornal anarquista brasileiro que circulou em pleno período do regime militar instaurado em 1964. O jornal, que foi chamado ironicamente *O Inimigo do Rei* teve sua primeira edição em 1977 e seu final é em 1988. Trata-se de um jornal todo confeccionado e distribuído pelos próprios editores e colaboradores em pleno período de censura aos meios de comunicação no Brasil. O jornal, totalmente influenciado por movimentos ligados à contracultura, apresenta uma nova tonalidade no discurso clássico do movimento anarquista brasileiro, o que renovou algumas de suas idéias. Iremos trabalhar nessa pesquisa com a importância desse estudo dentro da linha teórica - metodológica da *nova história política*, que sugere novas abordagens de análises de temas políticos na história. Iremos também fazer uma análise da importância da imprensa como fonte de pesquisa em história, principalmente esse tipo de imprensa que tecnicamente pode ser classificada como *Imprensa Alternativa*.

Palavras Chave: Anarquismo, imprensa alternativa, censura.

Résumé: Cette communication vise présenter un journal anarchiste brésilien qui a circulé durant la période du régime militaire instauré en 1964. Le journal qui a été intitulé ironiquement comme « O Inimigo do Rei » (« L'ennemi du roi »), a eu son premier tirage en 1977 et le dernier en 1988. Il s'agit d'un journal entièrement fait et distribué par ses éditeurs et collaborateurs au cours de la période de censure aux médias au Brésil. Le journal, complètement influencé par les mouvements liés à la contreculture, présente une tonalité différente du discours classique du mouvement anarchiste brésilien, ce qui a renouvelé quelques de ses idées. Cette recherche vise travailler l'importance de cette étude à l'égard de la ligne théorique-méthodologique de la *nouvelle histoire politique* qui propose de nouvelles approches d'analyse de sujets politiques dans l'Histoire. Il y aura aussi une analyse de l'importance de la presse comme source de recherche historique, surtout à propos de ce genre de presse qui techniquement peut être classifié comme *Presse Alternative*.

Mots-clés : Anarchisme, presse alternative, censure.

A historiografia e a gênese do jornal

Para falarmos do nascimento do jornal *O Inimigo do Rei*, é preciso lembrar que estamos falando de um período do país, que assistia os últimos suspiros do regime instalado em 1964. Falava-se nesta época em “anistia”, mas ainda existia a censura. Falava-se em política, mas com muito cuidado, principalmente na imprensa de grande circulação. O fato é

* Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Campus de Assis – SP. Bolsista CAPES.

que, em um contexto completamente dinâmico, como é o meio estudantil, surgiu em 1977, a partir da iniciativa de estudantes universitários, o jornal *O Inimigo do Rei*, que ajudou a completar a grande lista de jornais chamados de alternativos no Brasil.

Na historiografia, o jornal *O Inimigo do Rei*, muito recentemente vem ganhando a atenção de alguns pesquisadores. O pioneiro nisso é o historiador Waldir Paganotto, que em sua dissertação de mestrado, defendida em 1997, tenta fazer um histórico da militância anarquista no Brasil e faz uma relação do jornal com os movimentos de contracultura. Ele argumenta dizendo:

Faz-se necessário para este estudo, o estabelecimento de uma sintonia entre o jornalismo alternativo, o movimento estudantil e a proposta anarquista. O Inimigo do Rei é uma fusão disso tudo, e ainda devemos ressaltar que, dentro deste caldeirão, fervilha o caldo contracultural, cujas influências não podem de modo algum, serem esquecidas. (PAGANOTTO, 1997: 22-23).

Tirando o trabalho acima, *O Inimigo do Rei* ficou esquecido pelos pesquisadores por algum tempo, até que começaram a surgir alguns artigos em revistas científicas ou com formato de capítulos de livros que abordam o jornal como fonte de estudo.

Temos por exemplo o artigo de Leonardo Carvalho Pinto, publicado como capítulo no livro *História do Anarquismo no Brasil*, trabalho este organizado por Daniel Arão Reis Filho. Temos também o artigo de Gustavo Simões na revista *Verve*. Encontramos também o livro lançado recentemente sobre *O Inimigo do Rei*, organizado por Carlos Baqueiro e Eliane Nunes, em que os autores e alguns convidados escrevem artigos de abertura sobre *O Inimigo do Rei*, e no restante da publicação, encontramos reproduções de artigos e matérias que foram publicadas no jornal, selecionados pelos organizadores. Encontramos também, a dissertação de mestrado de João Henrique de Castro de Oliveira, que faz um estudo de vários jornais ligados aos movimentos contraculturais, e de outros ligados ao anarquismo, dentre eles *O Inimigo do Rei*.

Todos esses textos fazem uma contextualização do surgimento do jornal, e falam de sua aproximação com a contracultura. Claro que cada um dá ênfase em uma característica diferente, Gustavo Simões, por exemplo, destaca o humor e a sátira como arma para passar mensagens importantes para a época. Leonardo Carvalho Pinto fala muito sobre a questão da imprensa alternativa e como o jornal se insere nesse contexto. Waldir Paganotto faz um histórico do jornal e apresenta alguns dos temas que fazem alusão ao anarquismo e à contracultura. E como já foi afirmado acima, João Henrique de Castro de Oliveira, faz um estudo de vários jornais da contracultura e do movimento anarquista, e neste estudo mostra

detalhadamente as influências que esses dois movimentos tiveram mutuamente, e analisa alguns temas encontrados em vários periódicos entre eles *O Inimigo do Rei*.

Os pesquisadores já citados têm um consenso quanto ao surgimento do jornal. Ele nasce em outubro de 1977:

Fruto da articulação entre estudantes da Universidade Federal da Bahia. Formava-se a partir dos grupos “Fantasma da Liberdade”, do curso de Filosofia, “Um estranho no Ninho”, do curso de Economia, “Ovelha Negra”, do curso de Comunicação, e “Fim de Festa”, do curso de Ciências Sociais. (PINTO, 2006:133).

O pesquisador PAGANOTTO contribui mostrando o “reviver” das atividades do movimento estudantil da época e as relações com a prática de “jornalismo alternativo”, que eram bem fortes nesse período. “*O Inimigo do Rei* era, no princípio, a voz dos estudantes descontentes com a prática autoritária desenvolvida pelas correntes leninistas ou trotskistas dentro do Movimento Estudantil” (PAGANOTTO, 2008:14).

Esse fato é confirmado por Toni Pacheco, um dos fundadores do jornal *O Inimigo do Rei*, que mostra a indignação de seu “grupo”, em relação aos que diziam estar “lutando” contra a ditadura, tentando implantar outra, na visão dele.

Porque a gente via o movimento estudantil todo na mão do pessoal comunista, mais autoritário que a ditadura. Eles agiam com a gente, como a ditadura agia com o povo brasileiro. Era uma ditadura severa contra o movimento estudantil. Eles controlavam tudo, eles que eram donos dos diretórios acadêmicos, (DAs). Eram coisas assim... “singelas”. Eles tinham as chaves dos diretórios e não deixavam os alunos entrarem. Quer dizer: era uma propriedade dos movimentos marxistas. Ai tinha o PCB de um lado – os comunistas históricos – o PC do B de outro... E tinha o “Libelu” [liberdade e luta], que era trotskista... Essa que agora tá cheia de ministro no governo Lula. (PACHECO Apud OLIVEIRA, 2007:152-153.).

De início, esse grupo se uniu como uma chapa para concorrer ao Diretório de Filosofia. Fizeram então um panfleto chamado *O Fantasma da Liberdade* como conta Ricardo Líper - integrante do grupo fundador do jornal. “Fizemos um pequeno jornal da nossa chapa com a imagem de uma bunda com uma tocha... E o nome (...) em plena ditadura, caiu muito bem”. (LÍPER Apud SIMÕES, 2007:168-169).

Como a repercussão foi extremamente positiva, Toni Pacheco e Alex Ferras, que eram ligados ao curso de jornalismo, resolveram então transformar o panfleto em jornal, cujo primeiro número, saiu em outubro de 1977.

Na sua primeira edição, o jornal foi produzido em papel A4 e com dez páginas somente, toda a edição em preto e branco. O conflito estudantil citado por Toni Pacheco é o tema abrangente. O slogan usado é: *Enfim um jornal antimonarquista*. Não existia ainda

explicitamente um posicionamento anarquista neste primeiro jornal, porém dentro do conflito estudantil refletido em suas páginas, aparece uma proposta de organização do movimento estudantil dentro dos princípios libertários. “Uma federação livre como solução: Vimos que as bases para a obtenção de uma livre organização dos estudantes, não partirão de seus atuais organismos representativos” (*O Inimigo do Rei*, 1977:10). Ainda não é um posicionamento explicitamente anarquista, porém essa proposta da federação livre mostra o caminho que o grupo irá tomar nas próximas edições.

A grande novidade que o número 2 apresenta é o formato de tablóide, que vai permanecer até o seu final. Vemos também algumas referências aos movimentos sociais e políticos do período, como o *Mai de 68*, que completava 10 anos, e a ênfase nas características libertárias e antiautoritárias em correntes que surgiram no período pós – guerra.

Nesse número podemos ver que o jornal recupera temas clássicos como o embate entre os marxistas e bakuninistas na I internacional e revela sua ligação com a imprensa anarquista da vira do século XIX-XX. Notamos então uma aproximação intensa com as temáticas ácratas, mas acompanhadas de debates oriundos dos movimentos libertários dos anos 60.

Porém é somente no número 3, de setembro de 1978, que notamos o jornal com algumas das características que farão parte de sua trajetória. O número de páginas praticamente duplica e os temas estudantis não são mais o eixo central. No expediente, no lugar onde ficavam os nomes dos coletivos que fundaram o jornal, aparecem os nomes das pessoas responsáveis por sua produção.

Inaugura-se a fase em que o jornal vai ter uma forte influência da contracultura, surgem também algumas sessões fixas como *Bobo da Corte* e *Cartas e Bibliotecas*. Além dos temas ácratas e contraculturais, o jornal debatia também assuntos ligados à política brasileira da época, como “abertura política”, os “problemas da democracia brasileira”, e os problemas dos “partidos políticos no Brasil”, entre outros.

Em sua dissertação OLIVEIRA apresenta o momento em que, para ele, é o marco de mudança do jornal *O Inimigo do Rei*: “Acompanhando o marcante conteúdo (crítico e irônico), veio uma mudança gráfica radical a partir de 1979. A cor vermelha aparece em destaque na capa, compondo com o preto uma combinação que tinha tudo a ver com anarquismo”. (OLIVEIRA, 2007:161).

A partir desse número o jornal passou a ter uma regularidade bimestral e OLIVEIRA mostra um apanhado dos temas que podemos encontrar: “anarquismo e autogestão”, “crítica ao marxismo/comunismo”, “combate à ditadura”, “movimento estudantil”, “minorias

políticas” (homossexuais, negros, mulheres, índios, presidiários), “ecologia”, “legalização da maconha”, “movimento operário”, “maio de 68 e contracultura”. Para tratar desses temas o jornal usa de muito humor, ironia, sátiras, e isso vai se tornar uma marca registrada d’ *O Inimigo do Rei*.

O surgimento de alguns temas que não faziam parte do repertório de debates dos movimentos anarquistas mais antigos acabou causando problemas internos no jornal. É possível encontrarmos exemplos disso, quando em fevereiro de 1980 o jornal publica capa com o título: *Prática sexual ampla, geral e irrestrita* e em seguida publica uma matéria especial sobre a maconha, com o título: *Você pode fumar um baseado (desde que não seja do PDS ou trotskista.)*. Uma clara provocação, não somente na chamada “direita” brasileira, mas também no grupo que segundo *O Inimigo do Rei*, era tão autoritário quanto os ditadores que governavam o país.

Isso gerou um debate interno no jornal, pois o impacto foi sentido de maneira intensa. “A gente discutia pelo correio todos os temas previamente. Quando o pessoal viu os temas e a capa com *Prática sexual ampla, geral e irrestrita* encomendaram pouquíssimos exemplares. O do baseado piorou.” (PACHECO Apud SIMÕES, 2007: 173).

Alem do impacto interno que gerou debates acalorados e até um racha - com um grupo criando uma revista em 1979 chama da *Barbárie* - os distribuidores se assustaram com esses temas mais voltados para os movimentos contraculturais, e que eram verdadeiros tabus daquele período. Toni Pacheco tenta dar uma explicação:

Ninguém naquela época, nenhum dos movimentos sociais, falava em liberação da maconha (...) alguns anarquistas achavam que essa discussão não cabia naquele momento (...) nós respondemos que era uma questão importante e que continuaríamos a tocar no assunto (PACHECO Apud SIMÕES, 2007: 173).

Esse desentendimento mostra duas questões importantes, a primeira que o jornal estava aberto ao debate, característica essencial para um jornal anarquista, mesmo tendo um grupo que se desligou e fundou a revista *Barbárie*, o diálogo continuou existindo com *O Inimigo do Rei*. A segunda que, a estratégia de usar essa postura satírica e libertária para debater temas como (a sexualidade e questão das drogas) gerou uma reação indicativa de que a tão sonhada “revolução comportamental” das correntes contraculturais, era um assunto muito difícil de ser encarado naquele momento da história brasileira.

O jornal foi publicado até 1988, e nesse percurso tentou resgatar as velhas práticas anarquistas e incorporar os novos assuntos dos movimentos libertários, que apareciam a partir

das configurações políticas do mundo nos anos das décadas de 60 e 70 do século passado. Apesar da censura, dos problemas financeiros, das discussões internas, *O Inimigo do Rei* conseguiu sobreviver e se tornar uma das experiências mais duradouras da imprensa alternativa brasileira, se tornou também uma fonte de pesquisa importantíssima para preencher a lacuna sobre a história do anarquismo no Brasil dessa segunda metade do século XX.

As explicações de seu final são várias, PAGANOTTO, por exemplo, acredita que a redemocratização atrapalhou a imprensa alternativa, ela praticamente perdeu espaço, já que, não existia mais censura. Ele acredita também que o enfraquecimento e até desmoralização do movimento estudantil e a falta de apoio do próprio movimento anarquista ajudou no encerramento das atividades do jornal.

Já PINTO afirma que os problemas financeiros e a desmoralização do movimento estudantil são fatores que menos contribuem para o fim do jornal. O mais importante, segundo ele, é o afastamento de seus colaboradores. OLIVEIRA mostra detalhadamente em sua dissertação os problemas financeiros enfrentados pelo *O Inimigo do Rei*, claro que eles foram de fundamental importância para o término da publicação. Porém a explicação mais interessante é a de Ricardo Líper em entrevista a SIMÕES:

O que ocorreu foi falta de tesão de fazer o jornal. Não foi falta de tesão com o anarquismo, mas falta de tesão de fazer o jornal. Eu gostaria de dizer que a Santa Teresinha apareceu e converteu a gente. Isso levaria os intelectuais à glória. Mas não foi nenhum motivo secreto o que aconteceu. Faltou tesão. (LÍPER Apud SIMÕES, 2007:178).

Com ironia, que era bem típica nos textos apresentados no periódico, e um pouco de humor, LIPER que era um dos organizadores do jornal, mostra sua visão, de quem estava presenciando o momento.

A História Política

Esse trabalho está inserido na linha de pesquisa de História Política, e isso significa necessariamente fazer uma contextualização desse tema de maneira que ajude ao andamento das questões teórico-metodológicas.

Surge em 1929 um grupo que cria um novo paradigma para a historiografia e se institucionaliza anos depois ficando conhecido como *Escola do Annales*. Esse grupo durante uma boa parte do século XX vai ocupar os principais espaços institucionais da produção,

universidades, escolas, editoras. Enfim eles que estarão no comando dentro da relação de poder existente na época. Portanto eles estabelecem uma dominação que não é só intelectual, é também política.

Para se fixar e permanecer no poder, esse grupo elegeu um inimigo forte e começou a lançar duras críticas, desqualificando seu discurso e criando toda uma maneira de enxergar esse inimigo, que era o grupo dominante da época. O *monstro* criado pelos *Annales* tem um nome: A História Política. É contra a concepção de História Política dessa época que o grupo dos *Annales* via lutar. Essa *história política tradicional* foi com o passar do tempo, definindo temas, objetos e métodos de estudo, mas todos relacionados ao poder institucionalizado e centralizado. Passado o tempo, o Estado centralizado, se torna o objeto por excelência da história, o que significou a hegemonia e a supremacia da história política, narrativa, factual, linear.

As críticas eram muitas, entre elas, que a história política era um *recitativo interminável de eventos políticos e batalhas, história factual*, ou como escreveu FEBVRE: *a história historizante exige pouco muito pouco. Demasiadamente pouco a meu ver, e na opinião de muitos outros além de mim.* JULLIARD reconhece em seu texto, que a história política tem uma má reputação entre os historiadores franceses, ele próprio faz sua crítica:

A história política é psicológica e ignora os condicionamentos; é elitista, talvez biográfica, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora as séries; seu objetivo é o particular e, por tanto ignora a comparação; é narrativa, e ignora a análise; é idealista, e ignora o material; é ideológica e não tem consciência de sê-lo; é parcial e não o sabe; prende-se ao consciente e ignora o inconsciente; visa aos pontos precisos e ignora o longo prazo; em uma palavra, uma vez que essa palavra tudo resume na linguagem dos historiadores, é uma história factual. Em resumo, a história política confunde-se com a visão ingênua das coisas, que atribui as causas dos fenômenos a seu agente o mais aparente, o mais altamente colocado, e que mede a sua importância pela repercussão imediata na consciência do espectador (JULLIARD, 1974:180-181).

Porem na segunda metade do século XX surge condições para outro grupo, liderado por René Rémond lançar a obra *Pour une histoire politique*, trabalho em forma de artigos de vários autores, que procura mostrar justamente a possibilidade de uma nova leitura sobre o conceito de História Política.

Surge então uma tensão de um grupo que domina o espaço institucional de prestígio, contra um grupo que tenta mostrar que a História Política poderia sim ser encarada de outra maneira, diferente da visão que ficou estagnada graças a discursos como o de JULIARD exposto anteriormente.

A obra *Pour une histoire politique* surge como um manifesto mostrando que a forma como os *Annales* entenderam o político foi muito pobre. E quem mais difundiu esse discurso, foram os seguidores, as gerações posteriores aos fundadores dos *Annales* que ficaram satisfeitos com a explicação de que a História Política era a história dos grandes reis, dos senhores, dos Estados ou dos heróis.

No texto *Uma história do presente* René Rémond vai desenvolver vários argumentos para tentar rebater algumas das mais duras críticas feitas à História Política. Ele faz isso usando cada item criticado. Por exemplo, ele mostra que é possível trabalhar, com história serial, coisa que o discurso anterior dizia não ser possível, faz isso também com a história do presente, mostrando que ela não trabalha somente com o presente, faz isso com a biografia, mostrando que não trabalha somente com os grandes nomes com as pessoas importantes, ou seja, responde a cada uma das críticas feitas.

O autor continua sua defesa da história política, respondendo o argumento que diz que ela trabalhava somente com minorias privilegiadas, esquecendo do povo, da massa. Usando o exemplo do ato eleitoral ele mostra que é possível sim trabalhar com as massas. Respondendo a crítica de que a história política se fazia por datas, ele mostra que a história política pode ser estudada numa pluralidade de ritmos, inclusive na longa duração. E para responder a crítica que dizia que existia uma superficialidade no político, ele responde mostrando que não existe esse superficialidade:

O político tem características próprias que tornam inoperante toda a análise reducionista, ele também tem relações com outros domínios: Liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social (RÉMOND, 1996: 35).

E para encerrar seu manifesto, a defesa da história política proposta no trabalho, RÉMOND finaliza dizendo:

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa. Como então acreditar que seu renascimento possa ser apenas um veranico de maio? (RÉMOND, 1996: 36).

Dentro dessa idéia de RÉMOND, pretendemos trabalhar com um grupo tão pequeno, que produziu os jornais em um período difícil para esta prática, porém completamente favorável com o crescimento de idéias totalmente relacionadas a situação política do mundo.

Imprensa como fonte e Imprensa Alternativa

Há algum tempo, a imprensa vem sendo utilizada por historiadores como importante documento histórico. Eles têm contribuído muito para uma mudança na abordagem desses documentos. No caso específico desta pesquisa, os jornais têm uma particularidade: trata-se de um tipo de imprensa que não fazia parte da grande mídia, e seu objetivo maior não era o lucro.

Muitos historiadores brasileiros entendem que o jornal é importante fonte histórica, desde que seja analisado com toda atenção devida a certos fatores que cercam a imprensa, tais como dependência econômica, mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso. Entretanto no caso da imprensa operária este problema fica descaracterizado pelo fato de que ela sempre foi totalmente desvinculada da ordem instituída, sendo mesmo de oposição ao sistema e tendo de agir muitas vezes clandestinamente (FERREIRA, 1978: p.87).

Podemos observar essas características apontadas por FERREIRA, na imprensa libertária das décadas de 1960, 70 e 80, que foram valiosos instrumentos de orientação coletiva, servindo para difundir as principais idéias libertárias. Seus editores procuravam debater todos os temas que iriam ser publicados, ouviam opiniões e críticas dos militantes e dos leitores. Isso demonstra que houve uma participação efetiva do indivíduo e do coletivo na produção destas publicações.

Diferentemente do que ocorre nos partidos e nas organizações de esquerda tradicionais, nos quais a organização, a redação e a edição ficam limitadas a um pequeno grupo, na imprensa libertária, as decisões estão nas mãos de todos, do coletivo. Por isso, temos que tomar o cuidado de não generalizarmos, para todo o movimento, algumas idéias que na verdade representam apenas posturas de um único indivíduo.

LE GOFF afirma que os documentos são escritos a partir do que a sociedade está vivendo na época em que foram produzidos. “O documento não é qualquer coisa que fique por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1994, p.545).

As idéias e as opiniões sobre diversos assuntos que se encontram nas páginas destes jornais (sempre considerados como documentos históricos) são de fundamental importância para a História do movimento anarquista neste período, já que estes jornais são: *o produto dos militantes que os fabricaram*, daí sua importância como objeto e principal fonte desta pesquisa.

Dentro do conjunto definido como imprensa alternativa, do período estudado, podemos dizer que *O Inimigo do Rei* pode ser classificado como um jornal totalmente alternativo, inclusive a esses jornais independentes, tornando-se com isso, uma importante e rica fonte de pesquisa para a preservação da memória e da cultura libertário no Brasil.

Pretendemos, na medida em que o trabalho for se desenvolvendo, fazer uma análise do jornal *O Inimigo do Rei*, dentro desse contexto dos diversos jornais denominados alternativos que circularam nesta época. Além de definir melhor o conceito de alternativo, pretendemos mostrar qual o papel e quais diálogos *O Inimigo do Rei*, fez com os outros jornais considerados alternativos para aquela época.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru: EdUSC, 1999.
- BAQUEIRO, Carlos e NUNES Eliane (Org.). *O Inimigo do Rei: Imprimindo Utopias Anarquistas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.
- BAQUEIRO, Carlos e NUNES, Eliane. *O Inimigo do Rei*. 2007. <http://oinimigodorei.blog.terra.com.br/> (acesso em 02 de 03 de 2009).
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa Operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LE GOFF, Jaques e NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1979.
- . *História: Novos Objetos*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1979.
- . *História: Novos Problemas*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1997.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.
- OLIVEIRA, João Henrique de Castro de. *Do underground brotam flores do mal: Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFF, 2007.
- PAGANOTTO, Waldir. *Imprensa Alternativa e Anarquismo: "O Inimigo do Rei" (1977-1988)*. Dissertação de Mestrado. Assis, São Paulo: UNESP, 1997.
- PINTO, Leonardo Carvalho. "O Inimigo do Rei: Um jornal anarquista." In: REIS FILHOS Daniel Aarão e DEMENICIS, Rafael Borges, *História do Anarquismo no Brasil*, 133-145. Rio de Janeiro: EdUFF, 2006.
- SIMÕES, Gustavo. "Por uma militância divertida: O Inimigo do Rei, um jornal anarquista." *Verve*, 2007: 168-181.